

Mélysie Delaine

**BRAWLSTARS**

# A MALDIÇÃO DO STARR PARK

BASEADO  
NAS  
AVENTURAS  
DO JOGO

Livro não oficial

**BOOK  
SMILE**



# Capítulo

## 1



«Starr Park! Starr Park! Starr Park!»

A música ecoava pelo corredor e passava por baixo da porta do quarto da Vic ficando-lhe no ouvido. Era quase como se o irmão estivesse surdo e não se apercebesse do barulho... O *jingle* tocava em *loop* há alguns minutos. O tempo suficiente para esgotar a paciência da irmã e começar a irritá-la. A música era demasiado aguda, perfurando-lhe os tímpanos; demasiado repetitiva, deixando-a tensa; e ao mesmo tempo um pouco desarmoniosa, causando-lhe uma vaga sensação de desconforto. Mas, ao ouvi-la repetidamente, a Vic teve de reconhecer que, embora assombrosa, tinha um certo encanto. O encanto do hábito e da repetição, sem dúvida.

Mas isto já era demais. Especialmente porque a adolescente sabia exatamente o que significava aquela versão curta da música. A Vic levantou-se da cama, entrou no quarto do irmão sem bater à porta e gritou a plenos pulmões:

## A MALDIÇÃO DO STARR PARK

— ZACH! O teu telemóvel está a tocar, por amor de Deus, tira os...

... auscultadores. «Tira os auscultadores», era o que a Vic queria dizer, deixando a sua raiva transparecer perante o toque que a impedia de se concentrar. Em vez disso, a Vic parou de repente, olhando para o quarto vazio do irmão. A única coisa que restava era o telemóvel em cima da secretária, piscando de forma intermitente e continuando a tocar de forma insuportável.

«Starr Park! Starr Park! Starr Park!»

No ecrã do telemóvel, lia-se o nome Max. O que era estranho! Normalmente o Max, um amigo em comum dos dois irmãos, preferia enviar SMS ou qualquer outro tipo de mensagem, desde que não envolvesse falar através de um dispositivo eletrónico. Ele não gosta de telemóveis.

Cada vez mais preocupada, a Vic atendeu.

— Sim? — disse ela, mecanicamente.

— Hum... Vic? Pensei que estava a ligar ao Zach... — disse o Max perplexo e com uma voz abafada.

— E estás, é o telemóvel dele. O que se passa, Max?

— Como assim? Não estou a entender Vic.

— Onde está o Zach? — continuou a Vic, sem prestar atenção às perguntas do amigo. — Não está no quarto e o telemóvel estava em cima da secretária. Tu sabes como ele é apegado ao telemóvel, Max.

## Capítulo 1

A voz da Vic transmitia preocupação. Ela olhou em volta, examinando o quarto do irmão na esperança de encontrar uma pista, uma palavra, qualquer coisa. Claro que podia estar a preocupar-se por nada, mas ela sentia que algo não estava bem. Ainda não conseguia identificar o que era, mas havia uma falta de harmonia no quarto, um pormenor que a deixava inquieta. Ela precisava de descobrir qual era.

— Estás a ouvir-me, Vic? — perguntou o Max do outro lado da linha.

— Não, desculpa. Estou a tentar pensar, mas não sei onde é que o Zach pode estar. Ele não tem aulas a esta hora, também não tem nenhum desporto, nem há sessão de jogos porque estás a ligar-lhe e se houvesse saberias... Ai!

— O que se passa?

A Vic tinha acabado de se aperceber o que a estava a incomodar no quarto do irmão e a sua ansiedade aumentou: a mochila e o casaco do irmão tinham desaparecido.

— Acho que o Zach foi a algum lado sem dizer a ninguém. Achas que isso é possível?

— Depende! O amuleto da sorte ainda está pendurado acima da secretária?

O porta-chaves com a forma de uma estrela sorridente era tão importante para o Zach que ele nunca o abandonava. Os pais tinham-lhe instalado um pequeno gancho amarelo por cima da secretária para o pendurar, de modo a que o objeto pudesse ser visto sempre que o Zach estivesse no quarto.

## A MALDIÇÃO DO STARR PARK

— Não, já não está lá.

— Estou a caminho. Chego aí em 15 minutos.

O quarto da Vic tinha sido transformado numa espécie de quartel-general para a ocasião. Ela estava sentada na sua cadeira de escritório, com os joelhos junto ao peito e o queixo apoiado neles. O Max, por outro lado, escolheu sentar-se no chão, mesmo por baixo da janela. Mais pequeno do que a Vic, apesar de terem a mesma idade, era normalmente discreto e poupado nas palavras. O seu cabelo escuro escondia-lhe os olhos. Mas, além disso, a Vic também o descrevia como curioso e observador. Agora, ambos estavam confusos. O Zach não tinha falado com nenhum deles antes de partir, o que não era nada hábito dele.

— Achas que... Não, ele teria avisado. Sobretudo porque tínhamos planos para mais tarde, hoje... — começou o Max, tentando pensar em voz alta.

— Vocês estão com cara de enterro! — exclamou uma voz alegre.

Na entrada do quarto estava a Alex, o terceiro membro do pequeno grupo de amigos. Enquanto que o Max era mais próximo do Zach antes de conhecer a sua irmã, a Alex era a amiga de longa data da Vic. As duas adolescentes tinham crescido juntas, tornando-se rapidamente inseparáveis, apesar das suas diferenças. Ou precisamente por causa delas, a Vic não tinha a certeza.

## Capítulo 1

São faces opostas da mesma moeda, e isso é particularmente óbvio quando as duas amigas estão juntas. A Vic tem um longo cabelo de cores berrantes, azul, rosa ou roxo, consoante a disposição. A Alex tem o cabelo curto e ruivo, com a nuca rapada. É uma adolescente prática e pragmática. Usa sempre uma camisola e umas calças de ganga cheia de bolsos. Neles, esconde um monte de quinquilharias «só por precaução», mesmo que ninguém saiba a que se refere com o «precaução».

Ela ficou à porta a fazer uma careta enquanto observava a cena. A Vic tinha-lhe enviado uma mensagem assim que desligou a chamada com o Max, mas a Alex vivia mais longe do que o amigo, por isso demorou um pouco mais a chegar.

— Bem, conta-me tudo — disse ela enquanto se deixava cair na cama, com os bolsos a tilintar levemente.

— O Zach disse-te alguma coisa? — perguntou a Vic, olhando para a amiga.

— Hoje? Talvez me tenha dito um «bom dia» quando o vi na escola esta manhã.

— E não te disse mais nada? — perguntou o Max, olhando para ela. — Ele foi-se embora sem avisar...

— Sim, falámos de outras coisas: trivialidades, a invenção em que estou a trabalhar atualmente. Estou a tentar fazer *walkie-talkies* caseiros! Aliás, preciso que os testem, ainda estou com problemas com o alcance...

— Alex, foi mesmo só isso? — suspirou a Vic.

## A MALDIÇÃO DO STARR PARK

— Hum... Sim. Quer dizer, não. Acho que o Zach mencionou o Starr Park esta manhã. Disse que tinha encontrado algo interessante e queria mostrar-nos. Ele parecia ansioso.

— Starr Park?

O toque do telemóvel do Zach voltou à cabeça da Vic.

Situado nos arredores da cidade, o Parque de diversões Starr Park era um local que as pessoas evitavam cuidadosamente, ao ponto de se tornar difícil lá chegar. Porque a zona se transformou num enorme baldio, abandonado há muitos e muitos anos (a Vic duvidava que alguma vez tivesse sido utilizado). Havia lendas em torno do local. Alguns diziam que estava assombrado, com gritos e ruídos estranhos vindos do interior a certas horas do dia ou da noite. Outros diziam que as instalações tinham sido encerradas na sequência de acidentes com o equipamento, relatando mortes trágicas, explosões e destruição. Mas todas as histórias mudavam à medida que eram contadas, tornando-se cada vez mais sombrias e graves.

O Zach sempre foi fascinado pelo parque. Até desafiou os amigos para uma grande caça ao tesouro: descobrir o segredo do parque, a verdadeira história por detrás das lendas. Os quatro amigos vasculhavam a Internet, as bibliotecas e os recortes de jornais sempre que podiam. A opacidade em torno da história do parque só reforçava a sua determinação. Ao longo das semanas, depararam-se com alguns anúncios antigos e estranhos, dos quais o Zach tirou o seu famoso toque

## Capítulo 1

de telemóvel. Depois de passar algum tempo na biblioteca, o Max tinha encontrado mapas de certas zonas do Starr Park.

— É difícil saber se ainda estão atualizados, porque não encontrei qualquer rasto dos arquitetos — explicou o Max. — Mas pelo menos tenho alguns pedaços das plantas e os contratos da venda do terreno, por isso temos a superfície total do parque e é realmente enorme.

Por seu lado, a Vic tinha conseguido arranjar alguns recortes de jornal: a inauguração prevista do parque, a alegria e a desconfiança dos habitantes locais perante a abertura desse tipo de local, mas também algumas notícias preocupantes sobre o projeto. No entanto, a adolescente não encontrou qualquer indício da abertura ao público. Por isso, concluiu que o Starr Park nunca tinha aberto as portas.

O pequeno grupo reunia-se frequentemente para falar sobre o assunto, à medida que iam fazendo novas descobertas. Da última vez, na ausência de novas pistas, passaram várias horas a desenvolver teorias sobre o que poderia ter acontecido, enquanto jogavam na consola. A Alex e o Zach acabaram por lançar-se rapidamente em teorias loucas e fantasiosas. A Vic foi mais pragmática, procurando as razões mais plausíveis para os acontecimentos de que tinham encontrado provas.

— Outra vez? — resmungou o Max.

A Vic olhou de relance para o amigo. Ela sabia que o Max estava relutante em procurar informações sobre o parque. Afirmava alto e bom som que, na sua opinião, eram apenas

## A MALDIÇÃO DO STARR PARK

histórias que os adultos contavam para evitar que as crianças se aventurassem a ir lá e tivessem um acidente parvo. Na sua opinião, foi a falta de dinheiro que obrigou o parque a encerrar antes mesmo de abrir, por isso não era nada de especial. A Vic achava que o Max tinha um pouco de medo do sítio e que ficava ansioso com a ideia de ir lá um dia, mas também com a ideia de ficar de fora se os amigos decidissem ir.

— E se ele tiver lá ido? — perguntou a Vic, finalmente.

— Sem nos dizer? — questionou a Alex surpreendida, e parando de mexer na manga.

À sua esquerda, o Max arregalou os seus olhos redondos, ainda mais preocupado.

— Seria estranho! — exclamou a Alex. — Não achas? Porquê ir lá sem nos dizer ou esperar por nós?

— Não sei — disse a Vic. — Talvez tenha acontecido alguma coisa hoje...

— Oh, não — suspirou o Max. — Não...

— Sei que não és fã da ideia, Max — continuou a Alex. — Mas se ele saiu, levou as coisas dele e não está com nenhum de nós, é uma opção. Temos de ver se o caderno de investigação dele ainda está na gaveta secreta.

A Vic levantou-se rapidamente e correu para o quarto do irmão. O diário era um pequeno caderno, no qual o Zach registava todas as suas descobertas sobre o parque. Tinha-o mostrado quando lhes falou sobre as suas pesquisas. A Vic lembrava-se de um pequeno caderno de capa castanha, com

## Capítulo 1

o interior cheio de anotações e esboços, e alguns pedaços de papel a sair da margem.

Em frente à secretária do irmão, ela abriu a última gaveta e retirou uma pequena haste de metal do fundo. Depois abriu a primeira gaveta e procurou o pequeno buraco por baixo. A Alex tinha criado um fundo falso precisamente para que o Zach pudesse manter a sua pesquisa em segurança. Apenas o Zach, o Max, a Vic e a Alex sabiam da sua existência e da forma de o abrir.

Com um movimento para cima, a Vic inclinou a placa de madeira e deslizou os dedos para manter a abertura. Para além de alguns doces, o compartimento estava vazio. O caderno de investigação do Zach tinha desaparecido. O que só podia significar uma coisa.

— E então? — perguntou a Alex, aproximando-se.

— Está vazio! — suspirou a Vic. — Achas mesmo que ele foi lá?

— Tenho a certeza! — declarou ela, após um breve silêncio. — Acabei de verificar o telemóvel do Zach. A última pesquisa que fez foi o percurso daqui até ao Starr Park.



## Capítulo

## 2



A Vic queria ter a certeza disso antes de embarcar numa expedição perigosa. Queria ter a certeza de que o irmão tinha partido sem eles, deixando-os para trás quando tinham feito a investigação juntos. Queria, de todo o coração, compreender ou ter motivos para usar na grande discussão que teriam quando o encontrasse.

Graças ao *smartphone* do Zach, foi fácil refazer os seus passos. A Vic, a Alex e o Max seguiriam exatamente o mesmo caminho. A Vic equipou a sua mochila com uma lanterna, as chaves, o telemóvel... Ela tinha visto a Alex a encher os seus muitos bolsos, escapando-se depois para dar uma vista de olhos na garagem. O Max, por seu lado, permaneceu sério, limitando-se a pôr um canivete suíço no bolso das calças.

Primeira paragem: a estação de autocarros. E, na verdade, também a padaria em frente. Conhecendo o irmão, a Vic suspeitava que ele tivesse parado ali para comprar um doce ou qualquer outra coisa para petiscar durante a viagem.

## A MALDIÇÃO DO STARR PARK

— Olá! Que bom ver-vos — exclamou a padeira quando o pequeno grupo entrou. — Vai ser o de costume?

— Bom dia! Não, obrigada — respondeu a Vic. — Desculpe, mas... viu o meu irmão?

— O Zach? Sim, ele veio comprar três pães com chocolate. Eu até lhe disse que era estranho comprar três e não quatro! Ele não me deu ouvidos... Qual de vocês é que não comeu?

A padeira pensou que o Zach tinha levado um pão com chocolate para os seus amigos.

*Quando, na realidade, estava a preparar a sua expedição, pensou a Vic, sorrindo para a padeira.*

— Eu... — Mentiu ela para evitar mais perguntas. — Sabe como é entre irmãos...

A padeira sorriu, mostrando compreender. Entregou à Vic um pão com chocolate e piscou-lhe o olho.

— É por minha conta — disse ela de forma cúmplice.

A Vic agradeceu antes de sair.

— Três não ocupam muito espaço e servem para reconfortar o estômago — pensou a Vic em voz alta.

— Três o quê? — perguntou o Max, olhando para os pães.

— O que achas? — respondeu ela, entregando-lhe o pão com chocolate.

O adolescente aceitou-o e propôs dividi-lo, mas a Vic estava mergulhada nos seus pensamentos e a Alex recusou.

— Alex, disseste-me que seria preciso mudar de autocarro, certo?

## Capítulo 2

— Sim, daqui a três estações — confirma ela. — A paragem fica na praça, perto da escola.

— Um local movimentado. OK! Apanhamos o próximo autocarro e continuamos a seguir o rasto — indicou a Vic, fazendo sinal ao autocarro que se aproximava.

A praça estava relativamente movimentada àquela hora. Havia sempre pequenos grupos de estudantes a conversar, senhoras a fazer as suas compras, um pequeno café com esplanada e uma fonte no centro que proporcionava imensa sombra, muito apreciada nos dias quentes. A Vic rapidamente identificou os clientes habituais, a cidade não era grande e toda a gente se conhecia, pelo menos de vista.

— Temos vinte minutos até chegar o autocarro 16, que é o que para mais perto do Starr Park. Depois ainda teremos de andar um pouco — observou a Alex, examinando os cartazes informativos na paragem. — Porque o próximo é só daqui a uma hora e pouco.

— O que é que procuramos exatamente? — perguntou o Max, limpando as mãos a um lenço.

— Uma pista sobre o Zach, que confirme que ele entrou neste autocarro ou, pelo menos, que parou aqui — continuou a Vic. — Quero certificar-me de que ele foi mesmo sem nós antes de irmos atrás dele.

A adolescente estava tão preocupada quanto aborrecida por o irmão a ter deixado para trás. Ela interrogava-se sobre

## A MALDIÇÃO DO STARR PARK

as verdadeiras razões que o tinham levado a fazer isto, mas não conseguia pensar numa única que fosse satisfatória.

— O mais fácil seria perguntar ao Pietro; ele está sempre a andar de skate — sugeriu a Alex.

— Ou ao dono do café, que observa tudo — continuou a Vic.

— Porque não vamos à livraria? Segundo a minha mãe, a livreira é a maior bisbilhoteira do bairro — sugeriu o Max.

— Cada um de nós vai falar com um — decidiu a Vic.

— E encontramos-nos aqui daqui a dez minutos. Doze no máximo. Vamos lá!

O café ocupava todo um canto da praça, com as suas mesas e cadeiras a invadir o passeio e a praça. O gerente, um homem com a idade do pai da Vic, cujo filho andava na sua turma, prestava especial atenção a tudo o que se passava à volta do café: «Para proteger o meu filho e vigiá-lo», dizia ele para quem quisesse ouvir.

— Olá, Victória.

Para além de ter olhos e ouvidos em todo o lado, era um dos poucos adultos que a tratava pelo primeiro nome completo, o que a deixava tensa.

— Olá, Sr. Collers. Tem passado bem?

— Estás à procura de alguma coisa em particular? — respondeu, olhando por cima do ombro.

Provavelmente tinha visto a Alex a conversar com o Pietro, um dos estudantes que passava o tempo a andar de skate na praça, e o Max a entrar na livraria onde raramente ia. Dois

## Capítulo 2

acontecimentos suficientemente incomuns para serem registados pelo gerente.

— Não conseguimos esconder-lhe nada — disse a Vic com um sorriso falso. — Viu o Zach por aqui hoje?

— Sim. Há umas horas passou por aqui. Fiquei surpreendido por ele não estar com pelo menos um de vocês. Sobretudo, tendo em conta o seu destino.

— O seu destino?!

— Quer dizer, não sei para onde ele ia, apenas vi que apanhou o autocarro 16, o que o afasta do vosso ponto de encontro habitual. Não é verdade?

A Vic conhecia a técnica. Ela sabia que ele «atirava o barro à parede para ver se colava», como diziam os seus pais. Era uma técnica adulta que ela detestava, também praticada por alguns dos seus professores quando suspeitavam que alguém estava a copiar, mas não tinham provas. Ela sorriu, não respondeu à pergunta e agradeceu pela informação, antes de sair sem esperar. A Alex já estava à espera na paragem do autocarro, olhando em redor.

— É difícil falar com o Pietro — disse ela quando a Vic se aproximou. — Mas ele parece ter visto o Zach.

— O Sr. Collers viu-o a apanhar o autocarro 16 — confirmou a Vic, triunfante.

— Com a sua mochila vermelha e um ar de concentração que não lhe é característico — acrescentou o Max ao juntar-se a elas. — Pelo menos de acordo com o que a livreira me disse.

## A MALDIÇÃO DO STARR PARK

— Acho que não precisamos de mais provas — decidiu a Vic. — Só estaríamos a perder tempo. Vamos lá! Direção, Starr Park!

Alguns minutos depois, o autocarro chegou.

— Impressionante...

Não houve outras palavras.

Depois da viagem de autocarro e de uma longa caminhada fora da cidade, a Vic, a Alex e o Max tinham acabado de chegar à imponente entrada, quase em ruínas, do Starr Park. O pequeno grupo vira imagens dele em recortes de jornais e anúncios, mas o que estavam a ver tinha muito pouco em comum com essas imagens.

O edifício à entrada do parque era uma mistura de escombros e andaimes. Maciço, em tons de um azul-sujo, encimado por um telhado com duas inclinações — uma de cada lado — de um tom azul-turquesa ligeiramente mais claro; as paredes do lado esquerdo do edifício estavam parcialmente desmoronadas. Na fachada, bem visível com todas as suas cores, letras gigantescas escritas em maiúsculas formavam as palavras «STARR PARK». A estrela, que é a mascote e o emblema do parque, sorria para eles. No cimo, ao centro, um relógio já não mostrava as horas, e por um bom motivo: apenas um dos seus ponteiros continuava pendurado por detrás do vidro partido do gigantesco mostrador.

## Capítulo 2

— Não consigo decidir se é sinistro ou acolhedor — disse a Alex, dando um passo em frente.

Um terreno baldio tinha-se formado em frente à entrada. Uma mistura de lama, madeira e o início do que parecia ser uma barricada bloqueava o caminho. O vento fazia as tábuas ranger e o letreiro do Starr Park chiava ao longe.

— O que me preocupa — sublinhou a Vic —, é saber se o Zach entrou e se o vamos conseguir encontrar para regressarmos a casa...

A Vic foi à frente, com a Alex atrás dela, procurando ocasionalmente nos escombros para ver se havia alguma coisa para resgatar «só por precaução». O Max fechava a fila, arrastando um pouco os pés e com as mãos enfiadas nos bolsos. Não dissera uma palavra desde que tinham entrado no último autocarro.

— Como é que vamos entrar? — perguntou a Alex.

— Veremos quando lá chegarmos. Deve haver uma porta, ou algo para trepar...!

O que deveria ser a porta do edifício tinha sido tapada com tijolos cobertos de tinta azul, ocultando a abertura. As janelas tinham sofrido o mesmo tratamento, selando totalmente o edifício. Tudo o que restava era uma janela redonda, no alto, através da qual a Vic pensou ter visto movimento. Teria sido, sem dúvida, uma ilusão de ótica...

— Não me estou a ver a subir ao telhado para descer pelo outro lado — disse a Alex, meio a brincar.

## A MALDIÇÃO DO STARR PARK

A Vic conhecia suficientemente bem a amiga para saber que ela seria capaz de o fazer em último caso.

— Não obrigada Alex, vamos encontrar outra solução.

— E isto? — disse a vizinha do Max, apontando para algo junto à janela.

A Vic aproximou-se e olhou para a parede, mas não viu nada. Havia apenas uma parede de tijolo pintado... Ou será que não? Mesmo na junção entre o que antigamente deve ter sido uma janela e a parede, ela viu um pequeno botão, como um interruptor de uma campainha antiga. Intrigada, a Vic carregou.

O toque estridente de uma campainha soou quase instantaneamente. A janela, que a Vic podia jurar que estava trancada, abriu-se. Uma jovem mulher espreitou, com um sorriso. O seu cabelo era violeta-vivo e estava preso num robusto rabo de cavalo. Vestia uma camisa da mesma cor e tinha um lenço amarelo atado ao pescoço.

Ela olhou para os recém-chegados, um por um, avaliando-os com o olhar e mantendo um sorriso intrigado nos lábios. Deteve-se no cabelo da Vic e nos vários bolsos da Alex. Levantou uma sobrancelha ao parar a observação no Max. Da janela, o julgamento estampado no seu rosto rapidamente deu lugar a um sorriso cordial.

— Bem, mais recém-chegados! — exclamou, alegremente.

— Mais? — questionou a Vic. — Então já viste alguém passar por aqui? Um rapaz mais ao menos da minha altura, com cabelo curto e louro? Com um casaco vermelho-escuro?

## Capítulo 2

A jovem franziu o sobrolho, pensativa.

— Sim, acho que sim — disse finalmente.

— Como é que se entra? — perguntou a Vic, feliz por ter a confirmação de que o irmão estava de facto ali.

— Oh! Basta pedir e estar preparado. Já agora, eu sou a Shelly. Bem-vindos ao Starr Park!

Ouviu-se um estalido e a janela fechou-se quase de imediato. A Vic poderia jurar que tinha sido emparedada de novo, se não tivesse visto e ouvido os estores descerem rapidamente, terminando num estrondo. No estore havia tijolos pintados que pareciam mais verdadeiros do que os na vida real. Por sua vez, a porta abriu-se, revelando a entrada oculta.

*Como se tudo fizesse parte da decoração do parque*, pensou a adolescente desconfiada.

— Vamos, entrem depressa — disse a voz da Shelly vinda do interior.

A Vic entrou. Demorou alguns segundos a habituar-se à meia-luz. O local estava completamente deserto, à exceção de uma poltrona sobre a qual havia uma arma de fogo. Era enorme e parecia quase um brinquedo. A Vic estremeceu quando viu a Shelly fechar a porta atrás deles e pegar na arma.

— Esta é a minha, vão ter de encontrar a vossa — disse a anfitriã com um sorriso.

Parecia descontraída, achando perfeitamente normal dizer aos adolescentes que iam ter de andar armados. O lado racional da Vic rapidamente assumiu o controlo: não podiam ser

armas verdadeiras. Tinha de ser uma atração, armas de *paintball* ou de pressão, uma forma de os colocar num ambiente de Far West do parque. A Vic não se lembrava se a parte da corrida ao ouro ficava na entrada do parque ou não. Mas também suspeitava que os mapas que tinha nas mãos estivessem errados ou tivessem sido alterados com o tempo.

A Shelly não lhes deu tempo para pensarem. Empurrou-os para uma porta à direita.

— Deixem aqui o que trazem. Não vão precisar dos telemóveis nem dessas coisas! Despachem-se, não têm muito tempo.

— Como assim, não temos muito tempo? — perguntou a Vic.

A Shelly não disse mais nada, apontando para uma caixa que já tinha algumas coisas. Era a mochila do Zach! A Vic atirou-se a ela, abrindo-a rapidamente, mas não tinha muita coisa lá dentro. Apenas uma camisola e um par de ténis. Para a Vic, isso era suficiente: o Zach estava ali, não havia mais dúvidas. Cada prova que permitia confirmar que estava no caminho certo aquecia-lhe o coração.

— Os nossos telemóveis também? — perguntou a Alex à Shelly.

— Sim. Nada dessas coisas dentro do parque.

— Deve ter sido por isso que o Zach deixou o dele no quarto — disse a Alex à Vic.

## Capítulo 2

Ela acenou com a cabeça, colocou as suas coisas na mochila do irmão e fechou-a.

— Como é que encontramos o Zach agora?

— O Zach? — disse a Shelly antes de se recordar. — Ah, o irmão! Não faço a mínima ideia. Mas começa daqui a dois minutos, por isso têm de se despachar.

— O que é que começa daqui a dois minutos? — perguntou a Vic, subitamente preocupada.

— A tua primeira partida, claro!

— Oh, não — interrompeu o Max em voz baixa.

A Vic lançou-lhe um olhar de dúvida. Não tirava os olhos da Shelly, como se estivesse a tentar ler-lhe a mente. Mas a jovem não disse nada, contentando-se em andar de um lado para o outro na sala principal.

— O que se passa aqui? — perguntou a Alex em voz baixa.

— Não sei — respondeu a Vic no mesmo tom. — Portas falsas, janelas falsas, armas e algo a começar dentro de poucos minutos? Em que raio é que o Zach nos meteu, caramba?

— Achas que vamos ter de encontrar armas também? — perguntou a Alex. — Em todo o caso, escondi algumas coisas nos bolsos. Coisas para o caso de precisar consertar algo, por exemplo. Não levo o telemóvel, tenho medo que se parta. Se algo correr mal, conseguiremos voltar para aqui.

— É um parque de diversões, Alex. Duvido que estejamos realmente em perigo aqui. Deve ser uma partida de *paintball* de grande dimensão ou algo do género!

## A MALDIÇÃO DO STARR PARK

A Vic mostrava-se alegre e otimista. Mesmo que o parque tivesse sido encerrado por falta de financiamento, ou por qualquer outra razão semelhante, ela não conseguia imaginar que a Câmara Municipal autorizasse a construção de um projeto que punha deliberadamente em perigo a saúde dos visitantes. Toda a investigação que tinham feito, inevitavelmente, dava-lhes a volta à cabeça, e o aspeto abandonado do local só acentuava a situação e aumentava as preocupações.

— Falta um minuto, recém-chegados! — gritou a Shelly.

— E se não tivermos com que nos defender?

O Max roía as unhas enquanto procurava na sala algo que o ajudasse. Mas não havia nada além de caixas vazias, e daquelas onde tinham posto as suas coisas.

— Podemos ter algum equipamento ou assim? — perguntou a Alex à Shelly.

— Vocês é que têm de o descobrir. Ainda por cima, está prestes a começar. Vão lá!

A Shelly empurrou-os para o interior do parque.

— Vamos lá jovens! Boa sorte!

Mal saíram, a porta fechou-se. Em seguida, ouviram o barulho da fechadura, indicando que a Shelly a tinha trancado.

«Três! Dois! Um! Juguem!»

As palavras gritadas por um altifalante assustou-os, tal como a agitação que rapidamente tomou conta do local. A calma tinha acabado de dar lugar a uma tormenta. À sua esquerda, um pequeno grupo de três pessoas de aspeto estranho corriam

## Capítulo 2

com uma bola, determinados a marcar o golo do outro lado daquilo a que a Vic chamava «o campo». Este não era um campo de futebol normal. Não havia relva bem cortada e verde, nem marcas brancas no chão. Em vez disso, havia vegetações altas nas quais ela viu um adolescente com a cara pintada com uma caveira amarela, carregando uma guitarra a esconder-se. Ele conseguiu fundir-se com a paisagem de uma forma tão hábil que a Vic nunca vira. Um pouco mais à frente, uma rapariga com um chapéu de cabeça de urso corria atrás da bola, gritando alto. A Vic tinha visto o terceiro membro da equipa, mas não o conseguia encontrar. Deve ter-se escondido algures...

— Que confusão é esta? — perguntou a Alex.

Mal teve tempo de perguntar antes de a rapariga com cabeça de urso marcar um golo, provocando gritos de vitória e muito alarido.

«Um a zero!»

A Shelly bateu na janela atrás da Vic e dos seus amigos para lhes chamar a atenção.

— Toca a mexer! Caso contrário, eles ganham! — gritou.

— O quê?! Estão a jogar contra nós? — perguntou a Alex.

— Não há tempo.

A Vic agarrou a manga do Max com uma mão e a da Alex com a outra e levou-os para o campo. A outra equipa já estava a posicionar-se, à espera que a bola voltasse a ser posta em jogo.

## A MALDIÇÃO DO STARR PARK

— O que acontece se perdermos?

A pergunta do Max abrandou a Vic por uma fração de segundo. Mas a sua determinação prevaleceu.

— Nunca saberemos — avisou ela, pondo-se em posição.  
— Max, tu guardas a baliza, a Alex e eu vamos correr assim que pudermos.

— OK! — disseram os dois amigos em uníssono.

A vontade de vencer da Vic era contagiosa. A adrenalina que lhe corria nas veias fazia-a ver o campo não como um campo desportivo, mas como uma verdadeira arena, com as suas vantagens, desvantagens e armadilhas. A imagem do jovem com uma guitarra a desaparecer quase por completo nas vegetações altas voltou-lhe à memória.

— Cuidado com a vegetação, é um esconderijo! — avisou ela em voz alta.

A Vic não esperou quaisquer comentários. Moveu-se, aproximando-se do que parecia ser o centro. À sua frente, apenas a rapariga com cabeça de urso estava no campo de visão.

— Oh, ótimo! — disse a rapariga-urso, com uma voz aguda.  
— Recém-chegados! Vamos divertir-nos imenso! Especialmente a ver-vos perder!

O sorriso da jovem tornou-se mais severo, quase fazendo lembrar a Vic o riso contraído de um urso. A jovem parecia estar em sintonia com o seu totem animal...

## Capítulo 2

— Não tens hipótese, fedelha! — gritou a Vic, também com um grande sorriso.

A rapariga-urso desatou às gargalhadas. No mesmo instante, o apito soou, anunciando o início da próxima partida.

Livro não oficial

# A MALDIÇÃO DO STARR PARK

A Vic não sabe o que fazer: o irmão, o Zach, desapareceu sem deixar rasto. Ela arma-se em detetive, segue todas as pistas possíveis, e vai dar ao Starr Park, um parque de diversões abandonado e com muitos segredos. Com os amigos, inicia uma busca que depressa se revela misteriosa e assustadora. Entre uma criança capaz de provocar um tremor de terra e uma mulher de camisa de forças que coleciona autógrafos, será que eles vão conseguir encontrar o Zach?

**Não podes perder pitada desta aventura!  
Mas tem cuidado, há muitos perigos à espreita!**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

  penguinkidspt

ISBN: 978-989-583-853-0



9 789895 838530